



## Saúde do Trabalhador em outro patamar

### EDITORIAL\*

A torcida do Flamengo tem se colocado em outro patamar. E nisso tem lá sua razão de ser. Na razão do capital, clubes milionários dão lucros milionários. Outro patamar para o futebol. Sem dinheiro e sem equipes milionárias, a grande maioria dos clubes de futebol jamais chegará a outro patamar. Saúde do trabalhador é parecido.

Jamais chegará a outro patamar, enquanto reinar a lógica do capital. No processo de produção das mercadorias, no Brasil, a saúde do trabalhador é um time de várzea.

Saúde do trabalhador exige investimento e equipes milionárias para defendê-la. Mas aqui reside uma pequenina diferença. Essas equipes milionárias não são medidas em dinheiro. São medidas em ética.

E como, na razão do capital, saúde do trabalhador não dá lucro, jamais chegaremos a outro patamar porque as equipes empresariais para cuidar da saúde do trabalhador são indigentes da ética. A essência do capital não enxerga a preservação da vida e da saúde como lucro.

Por isso evitam o “prejuízo” de investir na saúde do trabalhador. Mas, deixa estar que o verdadeiro prejuízo: a doença, a mutilação e a morte é dos trabalhadores e suas famílias (a maioria flamenguista). Afinal, é a maior torcida do Brasil, só que no sofrimento pela perda da saúde no trabalho, todas as torcidas estão no mesmo patamar.

É o patamar do genocídio. Desde que se começou a contabilizar os acidentes e as doenças de trabalho no Brasil (1968), chegamos a alguns números aproximados para menos, pois as notificações de acidente e doença no Brasil, todos sabemos, é altamente subnotificada.

Mesmo assim, o quadro é estarrecedor.

Desde 1968, os números, somente para trabalhadores com carteira assinada (dados oficiais da Previdência Social), são aproximadamente:

- 50 milhões de acidentes e doenças do trabalho;
- 120 mil mortes por acidente de trabalho;
- 1 (um) milhão de incapacidades permanentes para o trabalho, incluindo mutilações e deficiência permanente.

### Nesta edição

Editorial – Saúde do Trabalhador em outro patamar	1
Série – Os grandes crimes [nº 4 – Ponte Rio–Niterói]	2-3
Artigo do mês – Trabalho E... Reconhecimento	4-5
Perfil Sindical – Sindicatos unidos...	6
Trabalhadores Anônimos – Alexandre (“vendo tudo...”)	7
Saúde do Trabalhador é ARTE...	8-9
Informes	10

O custo oficial do genocídio brasileiro ultrapassa os 100 bilhões de reais (20 bilhões de euros). É lamentável dizer isto mas esses números não refletem a realidade, o problema é muito maior se considerarmos os trabalhadores que não entram nessas estatísticas (a maioria).

Com a pandemia do Coronavírus, a Europa vai liberar 100 bilhões de euros para sustentar a economia europeia.

No Flamengo, Jorge Jesus pediu 7 milhões de euros para renovar o contrato, fora os extras euromilionários em caso de conquistas. Com 14 mil técnicos de futebol com o salário de Jorge Jesus salvaríamos a Europa da atual crise econômica (será que salvaríamos o Brasil também?).

Mas, como este editorial não trata de futebol e sim de saúde do trabalhador vamos imaginar um cenário favorável à saúde do trabalhador. Na queda de braço entre o Flamengo e a GLOBO para a transmissão dos jogos do Flamengo, quando ambos chegarem a um acordo poderia ser incluída uma cláusula especial. Tendo em vista que a maior parte dos brasileiros acidentados e doentes do trabalho é flamenguista e na hora da dor e da perda da vida e da saúde todas as torcidas se unem, a cláusula poderia ser:

**A Rede Globo se compromete, no intervalo das transmissões dos jogos do Flamengo, a divulgar fatos sobre a saúde do trabalhador no Brasil, a saber:**

- os números de mortos e mutilados pelo trabalho no dia da transmissão;
- o drama das famílias que perdem seus trabalhadores e peregrinam pela previdência social em busca de amparo e reparação, no dia da transmissão;
- a lista nominal das empresas campeãs em adoecimento no trabalho, no mês corrente da transmissão;
- o custo Brasil com esse genocídio, no mês corrente da transmissão;
- as medidas tomadas pelo governo para impedir o genocídio, na semana corrente da transmissão.

É possível que com essa cláusula alguma coisa possa mudar a favor da saúde do trabalhador, já que até hoje nada se fez contra essa barbárie. Talvez assim, a saúde do trabalhador chegue a um outro patamar. ■ ■ ■

\*Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

SÉRIE  
SÉRIE  
Nº 4

## OS GRANDES CRIMES NÃO DEVEMOS ESQUECER

### Os [trabalhadores] concretados na Ponte Rio-Niterói (1968-1974)

Pesquisa e Texto:  
Rosângela Gaze

72 mortos

Dados oficiais contabilizaram 33 mortos durante a construção da ponte, mas levantamento da imprensa chegou a 72 vítimas. O acidente com maior repercussão aconteceu em 24 de maio de 1970, quando três engenheiros e cinco operários morreram durante um teste de carga.



Foto: Arquivo/Rodolpho Machado(12-01-1974)

O Globo, Rio, Sete curiosidades sobre a Ponte Rio-Niterói  
<https://oglobo.globo.com/rio/sete-curiosidades-sobre-ponte-rio-niteroi-16497232>

A "Ponte Presidente Costa e Silva" (nome oficial) foi construída durante a ditadura militar como uma das obras portentosas do "milagre econômico". O panorama brasileiro aparente na década de 1970 era de um colossal canteiro de obras, que camuflava as atrocidades dos porões da ditadura com os presos políticos. Cooptando 'apoio popular' pela oferta de postos de trabalho (cerca de 700 mil), a indústria da construção civil era a maior empregadora (COPPE/UFRJ, 2011, p.179-187). No lastro da Transamazônica, Itaipu e Tucuruí, usinas de Angra, polos petroquímicos, Proálcool, Ferrovia do Aço, Embratel, Carajás (ferro) e Jari (celulose), trabalhadores sucumbiam ao apetite voraz das elites (militar, econômica, técnica etc.), nos acidentes de trabalho.

É bom lembrar que no ano de 1970 o Brasil foi campeão Mundial de Futebol, no México, e campeão de acidentes de trabalho, no Planeta. Lucravam empresas de grande porte - construtoras brasileiras situavam-se entre as maiores do mundo - e também as de médio porte fornecedoras de matérias-primas, equipamentos e ferramentas na cadeia produtiva do 'desenvolvimento nacional' alicerçado no descaso com a segurança e saúde no trabalho. A Ponte Rio-Niterói - "obra do século" - era cobiçada pela construção civil com seus 14 km de extensão sendo 9 km sobre a Baía da Guanabara, maior vão livre de viga reta, 300 metros de largura e 72 de altura, que reduziria o tempo de travessia entre as duas cidades de 80 para 17 minutos. A pedra fundamental foi lançada no financiamento de bancos britânicos na visita da Rainha Elizabeth, em 1968, durante o governo do ditador militar Costa e Silva, anunciando os benefícios sociais e econômicos no entorno da Baía. A responsabilidade técnica pelo projeto e fiscalização foi entregue ao consórcio liderado pelo Escritório Técnico Antônio Alves de Noronha e pela construção ao Consórcio Construtor da Ponte Rio-Niterói. Havia questionamentos sobre a viabilidade da obra por parte de parlamentares e engenheiros mas a imprensa estava censurada e a construção prosseguia alheia à desconfiança. As fundações formadas por tubulões metálicos preenchidos por concreto sob o leito marinho - onde se assentariam os pilares - avançavam indiferentes aos acidentes com vítimas fatais. Um destes ocorreu no final de março de 1970, no desabamento de plataforma de teste de carga de um tubulão, ceifando a vida de quatro operários e três engenheiros. As dúvidas da sociedade sobre a segurança do empreendimento expressadas na imprensa eram abafadas, sob a argumentação do Consórcio Construtor de que acidentes assim eram "normais em obras de grande porte" (COPPE/UFRJ, 2011, p.180). Discordâncias técnicas entre os que fiscalizavam e os que executavam a construção eram permanentes, em especial quanto à avaliação do solo lodoso da baía. A pressa do governo, decisiva também na queda do Pavilhão da Gameleira/Belo Horizonte/MG, e a economia de recursos influenciaram a escolha do Consórcio Construtor que venceu a licitação comprometendo-se a entregar a ponte em 2 anos pela metade do preço do concorrente. A Coppe/UFRJ, representada pelo Engº Lobo Carneiro, questionava técnicas da construção em relação à segurança, conversava com colegas do Clube de Engenharia, inclusive os envolvidos na obra, e apresentava as dúvidas e críticas aos alunos durante as aulas. Os estudantes compartilhavam de suas preocupações e da necessidade de alertar o governo e, através de ligações familiares, um deles intermediou a entrega de carta oficial da Coppe (07/07/1970) - redigida e assinada por Lobo Carneiro - ao Cel. Mario Andreazza (ministro dos Transportes), consubstanciando argumentos técnicos sobre as lacunas de segurança na construção da ponte. A carta não parece ter mobilizado reações, mas os atrasos de cronograma e gastos além do orçamento chegavam à imprensa. Na ocasião, do orçamento original (Cr\$ 238 milhões), 70% já havia sido consumido diante da execução de apenas 20% do serviço. Em 01/12/1970 (nove meses de atraso no cronograma previsto), ciente de que a inauguração não aconteceria dentro do programado (dez/1971), Andreazza entrega a obra ao consórcio de construtoras que ficara em 2º lugar na licitação. O Consórcio Construtor - à frente da construção da Ponte Rio Niterói - prestes a recorrer à Justiça, foi confrontado pela realidade: "testes de carga de 16 pilares indicavam que era preciso reforçar as fundações e fazer uma revisão geral no projeto" (COPPE/UFRJ, 2011, p.185).

#### RESUMO

Considerada a "obra do século" e do "milagre econômico" brasileiro da ditadura militar, a construção da Ponte Rio-Niterói concretou um número desconhecido de trabalhadores. Quem acompanhou sabe que foram muito mais do que os 33 mortos "oficiais" e os 72 da imprensa. Algo como o número de assassinados pela ditadura, até hoje desconhecidos. Uma pesquisa macabra seria saber quantos dos 10 mil operários que ali suportaram condições desumanas de trabalho sobram sob o tacão da ditadura. Fotos e relatos esclarecem: críticas à segurança; sandálias/sapatos, chapéus/bonés no lugar de botas e capacetes; falta de treinamento prévio; ritmo alucinante; jornadas prolongadas; horas extras; trabalho noturno em altura e na profundidade marítima... Importante era a 'assinatura' do ditador Médici em 04/03/1974, na sua inauguração, que terminaria o mandato 11 dias depois. Para este crime inominável temos a Baía de Guanabara como testemunha....

## OS GRANDES CRIMES NÃO DEVEMOS ESQUECER

Essa foi a gota d'água para a Tribuna da Imprensa publicar na primeira página "Para o Presidente Médici ler e meditar", de Hélio Fernandes. Uma série de reportagens sobre as irregularidades e descaso com recursos públicos e a segurança culminou com a divulgação (21/01/1971) do relatório da *Howard, Nedles, Tammen & Bergendoff International Inc.* (empresa que construiria o vão metálico de 700m da ponte) e do Escritório Técnico Antonio Alves de Noronha (projetistas e fiscalizadores da obra), enviado ao Ministério dos Transportes em 23/11/1970. Este documento não poupou críticas aos empreiteiros, alertas e indicativos da falta de segurança que já havia ocasionado mortes, deixando bem claro o posicionamento de que a obra poderia resultar em catástrofes. Desde as graves acusações sobre a falta de segurança dos trabalhadores, não realização dos necessários testes de carga, até a baixa qualidade de materiais, proporção maior de areia em relação a concreto, erros de construção que requeriam refazimento e pressões sobre a fiscalização (Coppe/UFRJ, 2011). No dia seguinte (22/01/1971) a carta de Lobo Carneiro de meados de 1970 é divulgada pela Tribuna da Imprensa e os jornais de grande circulação entram na questão. .... Hélio Fernandes, atualmente com 99 anos, irmão de Millôr Fernandes, foi perseguido pela ditadura militar de 1964/1985, ao divulgar atrocidades e desmandos que poucos ousavam publicar. Repetidamente preso pela ditadura e com direitos políticos cassados, nunca aceitou a censura à imprensa. .... Dias depois (26/01/1971) da divulgação do relatório citado, o ditador Emilio Garrastazu Médici desapropria o consórcio construtor e torna o governo federal dono do material da obra, criando uma empresa pública (ECEX) que comandaria a conclusão do empreendimento a ser executado pelo consórcio de construtoras que ficara em 2º lugar (Camargo Correa, Mendes Jr., Sérgio Marques e Rabelo) e passou a ser designado Consórcio Construtor Guanabara. O diretor presidente do consórcio era Sérgio Valle Marques de Souza, o mesmo dos noticiários da queda do Elevado Paulo de Frontin (20/11/1971), obra sob sua responsabilidade técnica que não chegaria a terminar (JB, 22/02/1972). A Sobrenco, sua empresa, saiu do consórcio e foi à falência. Coube ao Engº Bruno Contarini, responsável técnico do Consórcio Guanabara, a conclusão da construção da Ponte Rio-Niterói. Em clipping de jornais do Ministério dos Transportes consta em matéria do JB (04/03/2004) o orgulho de Contarini pelo seu feito ("fazer a maior ponte do mundo é uma marca") e sua 'emoção' ao lembrar dos 30 trabalhadores mortos durante as obras, mencionando: "- Morriam por vários motivos, até mesmo por cair da altura enorme da ponte." Estes comentários revelam, sem anestesia, o valor do trabalhador brasileiro para as elites que perseguem metas de realizações e desprezam vidas. Mudam os criminosos mas não mudam os crimes. ■ ■ ■

*Os perigos não eram poucos. Trabalho nas alturas e sobre águas com 20 metros de profundidade, canteiros de obra em ritmo frenético, onde os cuidados com a segurança do trabalho eram detalhe dispensável, e operários sem qualquer instrução faziam parte da rotina do canteiro de obras. Fotos da construção exibem trabalhadores com sandálias de borracha, bermudas, sem camisa, fumando enquanto martelavam ou carregavam objetos. Capacetes e botas eram raridade.*

<https://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html?mobi=1>

*Em dois anos de trabalho, ele conta que viu cerca de 10 mortes. Embarcado, ele viveu a pior situação de sua carreira quando estava doente, com 39,5°C de febre. Na chuva, com frio, e resistindo ao balanço do mar, ele continuava a trabalhar. - Não tinha isso de não trabalhar doente. Naquele dia, sentia que estava morto. Foi muito terrível - diz.*

<https://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html?mobi=1>

*O mecânico observou, certo dia, que siris subiam aos montes no casco de uma grande embarcação que carregava brita e areia. Preso embaixo dela, estava um cadáver em decomposição há mais de cinco dias. Segundo a suposição da época, um "peão", epilético, teria tido uma convulsão e caído na água. Esquecido, ficou no local.*

<https://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html?mobi=1>

*O soldador Paulo Silas ... trabalhou ... recuperando e refazendo os dentes das brocas das perfuratrizes ... fazendo um festival de faíscas potencializado pela pressa: "Aprendi na prática que, quando precisava trocar o eletrodo (espécie de refil do equipamento), não podia levantar a máscara por completo, porque uma daquelas faíscas podia cegar. Subia até a metade apenas, sem perder o foco na frente, mas tinha de ser rápido." Quando o eletrodo chegava ao fim, precisava ser trocado. A ponta restante, ainda incandescente, era lançada pelo operador em baldes de ferro. Certa ocasião, Paulo Silas soltou a ponta, sem querer, na panturrilha de um colega que passava e, sem perceber, se aproximou demais: "A ponta rolou perna abaixo, levando com ela a calça e a pele da perna do meu amigo, que desmaiou na hora e ficou muitos dias internado." Os danos a Paulo Silas foram pequenos. Queimaduras leves nos olhos, que ele curava com batata inglesa, cortada em rodela fina: "Colírio não adiantava. O melhor mesmo era amarrar as rodela na vista, na hora de dormir. De manhã, a batata estava quase frita, pois absorvia todo o calor." O soldador continua até hoje na ponte, fazendo reparos nas trincas existentes no vão central.*

<https://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html?mobi=1>

*Estávamos em casa, assistindo ... [TV Globo]. Eu era muito pequeno e estava com meus dois irmãos. De repente, meu irmão mais velho ... começou a chorar. Eu e o Leandro ... começamos a achar engraçado: "ih, ele tá chorando". Foi então que o Leonardo contou para nossa mãe ... que tinha acontecido um acidente na obra e que meu pai podia ter morrido. O corpo de Nilkon só foi achado na baía três dias após o acidente. ...*

*Maria Luiza, viúva, travou uma batalha contra a lentidão da Justiça. Só conseguiu receber a indenização que lhe cabia pelo acidente em meados da década de 1990. Ajuda para custear a escola dos filhos, prometida após o desastre, nunca recebeu.*

**- Quando comprei minha primeira moto, entrei na Ponte e parei no vão central.**

**Desci e fiquei um tempão ali, olhando e pensando no meu pai.**

<https://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html?mobi=1>

Amigos, parentes, colegas, vizinhos, conhecidos, estranhos podem eleger fascistas, não importa a razão, mas não matarão a nossa crença em defesa dos trabalhadores, nos direitos humanos, na dignidade das pessoas, na justiça justa, numa sociedade melhor...



artigo  
do mês

Nº 1 Trabalho E Corpo  
Nº 2 Trabalho E Território  
Nº 3 Trabalho E Emancipação  
Nº 4 Trabalho E Delírio  
Nº 5 Trabalho E Filosofia

## Nº 6 Trabalho E... Reconhecimento

Eguimar Felício Chaveiro\*  
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos\*\*

É fácil perceber que a desigualdade social cria um mundo enfermo, assim como o monopólio da riqueza, a exploração do trabalhador, o preconceito racial, a PRESSÃO... AS PRESSÕES. Noutro polo há que se entender: a vontade de viver promove saúde. Viver - já dissemos - tem o nome coragem. E também é muito perigoso - já disse Rosa (o Guimarães) - e contra o perigo salve a coragem! De maneira leve e compassada, a psicóloga Livia Mesquita de Souza discorre sobre A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NA VIDA DE TODAS AS PESSOAS. Ao ouvi-la com atenção, a nossos ouvidos acorriam os murmúrios dos movimentos que creem na importância do trabalho na vida de todas as pessoas. Estavam lá com sua algazarra tilintante em nossos tímpanos os sem-teto, os quilombolas, os ribeirinhos, as rendeiras de bilro, as quebradeiras de coco babaçu, os deserdados por desastres criminosos, as marisqueiras, as mulheres negras violentadas, os índios acossados, os bailarinos negros do funk, os homoafetivos de todas as razões e, entre tantos outros, o Fórum Intersindical do Rio de Janeiro e o Grupo Dona Alzira de Goiás. A escuta respeitosa e reveladora de Livia Mesquita fez emergir algumas interrogações: como todos os grupos que empunham o reconhecimento do trabalho na vida de todas as pessoas podem conviver com o trabalho como fonte de adoecimento? Reconhecimento do trabalho? ..... Mas qual parábola do reconhecimento? Ou como as rendeiras de bilro e o Grupo Dona Alzira podem se tornar promotores de saúde?

Reconhecimento, por certo. No momento quente da audição da palestra de Livia, as interrogações se somavam a um dos objetivos de todos os grupos: RECONHECIMENTO ou gerar contentamento por estarmos juntos; sermos motivados em nossos encontros; enfrentarmos os problemas internos e do mundo com desejo de aprendizagem e com firmeza ética. Esses objetivos, para quem está chegando e para ativar a memória dos membros “clássicos”, formam um dos esteios, por exemplo do Dona Alzira, tão bem referenciado por Angelita Pereira e Thiago Sebastião. Esse esteio - trabalhar constituindo saúde - no passado recebeu o nome de “MILITÂNCIA DE BRANDURA” ou “MILITÂNCIA DE UMIDADE”. Para nós o nome importa! Hum...

Esteio tamanho que poderia ser também das rendeiras de bilro, nos olhares militantes de brandura de Dona Lucinda e de Dona Maria Rita, rendeiras de quatro costados e brasileiro orgulho. Professores universitários, motoristas do UBER, trabalhadores informais, bancários, rendeiras de bilro e, inclusive, microempresários, corretores de bolsa, vendedores de seguro estão adoecendo. Ancorados na leitura de Byung Chul Han (2015), nós mesmos, João Henrique e Ronan Eustáquio (2020) já víamos na “patologização global dos trabalhadores” os motivos dos olhos tristes de João Henrique ao pesquisar a rentabilidade da doença por meio da MEDICALIZAÇÃO DA VIDA. Morrer é um prejuízo para as corporações, mas a doença é lucrativa. Gerar o adoecimento é, assim, uma forma de os atores hegemônicos lamberem os lábios com a desgraça e limparem os dedos em suas gravatas coloridas. Os itinerários da psicanálise nos conduzem a entender que tudo implica na emoção e no corpo.

O elogio, por outro lado, está no dicionário opressivo do capital. É pelo elogio escolhido a dedo, individualizado, dia a dia e a conta-gotas, variando de elogiado a elogiado, que ocorre a expropriação da alma do trabalhador. O operário padrão é a apoteose sórdida do elogio ao trabalhador. O elogio, no trabalho precarizado, é tão estratégico para a acumulação que o capital transferiu essa tarefa para o próprio consumidor. Seja no uber, no *callcenter*, nos indicadores de satisfação dos diversos serviços, atualmente quase todos precarizados, que o consumidor assume o papel de algoz e aperta o botão da guilhotina. Não é mais o patrão que demite... O dono do capital se cobre com um manto de justiça. RECONHECIMENTO? Neca. Elogios podem vir às pencas, mas a sua ausência num belo dia de sol, passa a ser, para o trabalhador, uma sentença de morte. ... Quantos elogiados anos a fio, ao serem demitidos choramingam: NUNCA PENSEI ... DEDIQUEI MINHA VIDA ... SINTO-ME TRAÍDO ... FUI TRATADO COMO UM TRAPO ... E a sentença definitiva: SEMPRE FUI ELOGIADO, MAS NUNCA FUI RECONHECIDO. O escritor goiano Brasigóis Felício certa vez, num bar rodeado de garrafas vazias, disse algo assim: “olha, nós que fazemos coisas para a graça pública não podemos nos importar com as críticas, nem com os elogios. Os que nos criticam podem ser competidores, invejosos; mas podem não ser também. Os que nos elogiam podem querer comprar a nossa carência, nos aquietar. Mas pode ser que tenham admiração por nós. Por isso, não devemos nos importar com a crítica, nem com o elogio, mas devemos ouvir ambos”.

Mesmo Drummond, na sua ilha maravilhosa, em seus desmundos, na oficina calada de sua criação, gritava por reconhecimento.

O sangue na veia, por exemplo, transporta o mundo para o dentro, e o mundo objetivo é também um desenho da emoção, do desejo e dos afetos. Ou seja, nas veias corre o mundo, sua trepidação; em nosso lar, no trabalho, no trânsito, correm a emoção, o sentimento e o afeto. De maneira que tudo implica na saúde-doença: as palavras ouvidas; os ruídos exagerados; os silêncios atônitos; a quantidade de tarefas; as ameaças; os gemidos solitários; os AIS envergonhados... A professora Sandra de Fátima gostava de dizer: “o corpo vibra no piscar das estrelas”. Talvez a rendeira de bilro – Dona Luzia – aprecie saber disto. Um ponto primordial versado na palestra de Livia foi o anteparo ao adoecimento. Para isso, no embate narcísico de todos os sujeitos em todos os dias, a todo momento, entra a importância do RECONHECIMENTO como se esse fosse um expediente de combate ao adoecimento. E É. Os grupos e os sujeitos, caso queiram a saúde, precisam aprender a reconhecer.

Poder-se-ia sintetizar: nenhum pai, nenhuma mãe, nenhum amigo, nenhum trabalhador, namorada, namorado, filho, vai bem no embate narcísico sem o RECONHECIMENTO. Pois bem!

O reconhecimento é nutriente da estima, da autoestima e da relação com o Outro. Amor incondicional é, portanto, balela.

O amor é condicional e deseja essa prenda magnífica: o RECONHECIMENTO. Sem essa prenda - o RECONHECIMENTO - o amor se esmaece na bruma oscilante dos dias. Mas a palestra do amor virá depois... talvez no próximo café com Juliane e Luana Feldman. Mas, afinal de todas as contas, o que é o RECONHECIMENTO, meu caro Watson? O reconhecimento é matéria prima primordial da autoestima; é quando o Outro pertencente ao nosso campo relacional positiva a nossa existência, as nossas ações e os nossos comportamentos. Essa positivação, alinhada a um esquema de valor consistente, não é, contudo, ausência de crítica. Por isso, o RECONHECIMENTO não é igual a ELOGIO, nem igual ao silenciamento crítico. O elogio é, geralmente, a fortuna da palavra fácil, o RECONHECIMENTO exige atitude, pode ser silente. Elogiar é fácil, reconhecer é difícil. O elogio pode nos comprar, e geralmente o faz. No trabalho, então, o elogio é a glória do capital. Já, o RECONHECIMENTO certamente nos faz consistentes. A crítica ganha legitimidade e aceitação quando se junta ao RECONHECIMENTO. A história do capitalismo - código genético da opressão - mostra que ao trabalhador não cabe RECONHECIMENTO. A essência do capital é justamente destruir qualquer possibilidade de reconhecimento.

continua

José Henrique, admirado com Gandhi, Paulo Freire e tantos outros, disse que essas pessoas, apesar de lutarem contra a maioria, nunca desistiram de seus objetivos humanitários. Dizemos: “mas mesmo essas pessoas precisam do reconhecimento”. Voltemos ao bar... O lugar onde estávamos com Brasília era repleto de garrafas vazias ao lado, daí brincarmos com refino poético: “o fato, é que eu sou você com o nome que me é próprio, e você sou Eu com o nome que lhe é próprio, a nossa diferença é o que nos faz próximos. Essa proximidade é o jogo da alteridade.

Somos iguais e diferentes, essa é a verdade da carne e da vida humana”. No bar as palavras dançam – saibamos. Na conversa rodeada de garrafas vazias: “a autonomia supõe não ser comandado pelo elogio, nem pela crítica, supõe ouvir ambas” - Repeteco!!! Repeteco!!! Repeteco!!!

Sim, temos dificuldades pessoais de promover o RECONHECIMENTO; e mal vemos o Outro já que, instalados num mundo funcional, observamos-lhe, quase sempre, pelo que Ele nos rende no escopo de nosso interesse, esse interesse está sempre ligado ao nosso lugar na estrutura de poder.

Daí, poder dizer que o poder não é o lugar de reconhecer. Há, no Brasil, duas posições renitentes na micrologia do poder: os que arremedam os coronéis com ameaças, com gritos, com a sua baioneta simbólica; e os puxa-sacos, que coordenam as suas relações estratégicas fingindo a subserviência para poderem se instalar nos grupos dominantes.

As duas posições advêm de um mesmo fundamento, pois são signos do patriarcalismo patrimonialista que surrou camponeses, escravizou povos africanos e exterminou povos indígenas. Ambas se situam no que Roberto Schwarz chama “política das mercês”. Entretanto, hoje há uma gravidade socialmente constituída nesse campo. Desemprego estrutural, trabalho informal, insegurança salarial, instabilidade da economia, precarização, desregulação previdenciária, prêmios por desempenho, crescimento da economia marginal - traços da financeirização global da economia -, geram o adoecimento do trabalhador, pois criam um clima de competição, de desmerecimento do Outro, de formação de grupelhos interesseiros. Ao invés de RECONHECER o Outro, desmerece-o.

Desmerecendo-o, enfraquece o sentido de classe para lutar contra a exploração.

O DESMERECEMENTO ENFRAQUECE A LUTA. O RECONHECIMENTO FORTALECE A VONTADE DE LUTAR.

Segundo, ainda, Livia, individualmente pode-se fazer muita coisa para si, para o grupo e para o Outro. Porém, a equação entre o indivíduo e as determinações sociais e históricas não é fácil de ser resolvida. Há que se construir uma consciência para o RECONHECIMENTO.

Talvez seja simples estimular essa consciência: todos os que estão aqui e os outros que não puderam vir, pertencem ao nosso filme real de vida.

Todos compomos a peleja que nos faz caminhar nas estradas – e nas estradas, juntos, falamos os nomes, corre o sangue nas veias.

Em nós ocorre a vida inteira no sentido de que versejou Quintana: “toda hora é hora extrema”.

Para cada ato sucessivo de NÃO RECONHECIMENTO de um governo sustentado no ELOGIO à barbárie e ao fascismo, vai de lá um abraço maracanã na turma que anda junta na estrada do Reconhecimento. Para cada impropério de um governo que pisa e cospe no respeito aos direitos humanos, um beijo coletivo na boca da turma do Reconhecimento. Somente em momentos alegres e jubilosos, com elegância-bagaceira cheia de amor, nos acolhe a vontade do RECONHECIMENTO. A linguista Luiza Helena nos ensina: “os departamentos são cheios de bobices”. Mais que “bobices”, o país tem um governo doente que adocece. O contexto nos chama à alegria e à luta. Vamos então com Wilhelm Reich: o gozo pode ajudar a enfrentar o nazismo...

Gozando com elegância-bagaceira e júbilo, neste ano o jogo será bom para nós. Eis a mensagem de Márcia Tiburi: “tudo pede para que tenhamos atenção e zelo com quem está ao nosso lado”. Ela mesma, como Luiz Cabral, interpreta: “pessoas que têm estima elevada possuem melhores condições de avaliar seus erros”. E, ademais, segundo Rodrigo Emídio “quem não chora é frágil”.

Trabalhadores de todas as cores estão chorando. São fortes! Se ao capital não é dado reconhecer, um bom recomeço seria os trabalhadores reconhecerem-se. Chorando juntos, o oceano de lágrimas logo logo viraria um tsunami de esperança e justiça. E nele saberíamos navegar..... ■■■



O Grito do Ipiranga ou Independência ou Morte (1888) - Pedro Américo (Museu do Ipiranga - São Paulo)  
<https://aventurasmhistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-mensagem-de-pedro-americ-o-aos-historiadores-no-quadro-o-grito-do-ipiranga.html>

Os artigos desta seção são cartas de resistência, escritas por pessoas que ainda acreditam que os trabalhadores são seres humanos. São cartas de resistência escritas para os que se acham donos do país, ora por serem políticos, juizes e governantes que defendem o poder econômico - dos que tratam os trabalhadores como animais de caça -, ora por serem cidadãos omissos que sustentam o adoecimento e a morte no trabalho.

**Fórum Intersindical**  
**Condenados a Perseverar**  
 (Amadeu Alvarenga)

#### NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão ‘comum’. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma ‘ciência’ hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas ‘leigas’, boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas ‘científicas’ que tratam da saúde do trabalhador não são “para o bico” dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos “para o bico” dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas ‘científicas’. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas ‘científicas’ cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dubio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe!



PERFIL  
SINDICAL

## Sindicatos unidos jamais serão vencidos!

As Oficinas Temáticas do Fórum Intersindical

(25 de outubro e 29 de novembro/2019) trouxeram a voz dos trabalhadores e trabalhadoras sobre o que se passa no Brasil de hoje, em que os direitos vêm sendo atacados e, nesse cruel ataque, os sindicatos de trabalhadores são uma espécie de cobiças da crueldade em termos de retirada de direitos dos trabalhadores. Nesse espaço, durante algumas edições do Boletim, trazemos as falas sintetizadas de todos os dirigentes sindicais que participaram das Oficinas. A 1ª mesa (25/10/2019) foi coordenada por Hermano Castro, diretor da ENSP [Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca], com a participação de Paulo Henrique (Sindicomercio); Gilberto Leal (Sindibancários); Olímpio (Sind. Asseio e Conservação); Luiz Antonio (Sinttel); Jesus (Sindimetal) e Sandro (Sindsaúde).

Nesta edição, sintetizamos a fala de Jesus e de Olímpio.

Jesus abordou os problemas dos trabalhadores na atualidade, desde o cansaço e a falta de mobilização à rápida transformação do mundo do trabalho, com a substituição de trabalhadores por máquinas e a perversa ‘formulação’ de trabalhadores-empregadores que prestam serviços ao sistema. Jesus fala da educação, destacando o vazio do atual governo frente à matéria. Sobre a retirada do “imposto sindical”, assinala que “quanto mais crise, maior a importância dos sindicatos para intermediar negociações com os patrões. Talvez este não fosse um modelo ideal mas a luta dos trabalhadores aplaudiu esta conquista por ser um dia só de salário, que agora tornou-se um dia de sangue para os patrões fazerem o que querem.” Observa que “muitos de nós” sindicalistas, das centrais sindicais “sentimo-nos no último baile do Império”. Quanto à conjuntura partidária, Jesus assinala: “precisamos nos apropriar das críticas que foram feitas ao nosso recente governo de esquerda e aprimorar.” Observou que o desmonte não cessou. Propostas de ter um sindicato por empresa e acabar com a estabilidade dos sindicalistas no emprego estão para acontecer. E que os trabalhadores precisam agir rápido, pois as leis que retiram direitos passam a jato. A reforma da previdência passou em oito meses. Pode ser que estas propostas não passem totalmente mas passa 60-70% pois os trabalhadores e professores estão saturados. “Guedes já acabou com a proposta de capitalização da previdência porque no Chile, cujo modelo econômico lhe serve de guia, não está dando certo. ... os trabalhadores estão em dificuldades, os aposentados de lá ganham o equivalente a R\$ 700,00. ... No Chile, a escola é particular, a saúde é particular... No Brasil mesmo com déficit de 4 trilhões, temos o SUS que está sucateado mas ainda se consegue atendimento, escolas públicas na maior parte das localidades (mesmo que precarizadas), com alunos que ainda vencem olimpíadas de matemática com incentivo de apenas 100 reais (em risco de ser retirado).” Jesus também abordou o impacto da indústria 4.0, do emprego do futuro, destacando que os robôs estão tomando os ‘postos de trabalho’. .... “Tem carro que anda sozinho, no setor naval da Coreia do Sul tem um monte de máquina trabalhando sozinho, tem professor robôzinho. Como enfrentar isso? Previsão americana é de que 60% das profissões de hoje acabem até 2029.

**JESUS  
&  
OLÍMPIO**



Na Califórnia, já se emite boletim de ocorrência através de sistema virtual, não precisa de advogado nem policial. Precisamos debater sobre como isso virá para nós. ... Como proteger os trabalhadores-empregadores de hoje?” Compara o Chile (PIB 20 mil dólares) ao Brasil (13 mil), ressaltando que aqui “não há convulsão social porque o Lula, com o Bolsa Família acabou evitando, pois os 200 reais ‘garantem’ a sobrevivência”. “O estado foi criado para proteger os mais necessitados, não foi feito para as elites que se apossaram disso aqui.” Remete à alternância no poder, direita e esquerda, e à importância das mudanças, “inclusive nos sindicatos, porque acaba se corrompendo também. A gente tem que fiscalizar, evitando corrupção ...(saúde, educação, sindicatos) porque a população está cansada da corrupção. É isto que precisamos fazer para trazer a população de volta para o nosso lado.” Finaliza: “Temos que pensar na sociedade porque a sociedade está acima dos sindicatos, é maior do que qualquer instituição, é proteção do ser humano. O ser humano prevalece sobre qualquer argumentação.”

Olímpio expressa sua sensação de luta em vão e de desesperança, pessimismo, após anos de militância pela saúde. Lembra que as OSS [Organizações Sociais de Saúde] entraram e que as Conferências [Municipal, Estadual, Nacional] não puderam impedir. Lutou-se muito, houve participação, muito movimento, “ninguém resolve nada” “e o trabalhador como sempre metendo o pau no sindicato. Sindicato que faz, sindicato que ajuda, orienta, previdência, arruma benefício, arruma tudo...” “A politicagem sempre existiu [...] Tem presidente de sindicato por 30-40 anos. [...] acha que a entidade é dele. Um apoia Bolsonaro, outro apoia Lula, cada um quer sua fatia no bolo. Sobra p’ra quem, p’ro trabalhador que está aí, o trabalhador está sofrendo. Por que? Esta divisão das centrais.” Insiste na importância da união das centrais sindicais para encontrar caminhos e atrair os trabalhadores “arredios”. “Bolsonaro está mudando as leis todas. Divisão não adianta nada. [...] mais de vinte centrais, seis ou oito mais atuantes. Deveria ter duas, no máximo três. Esquerda, direita, centro, já resolveu. Ou uma só. Tem lugar aí que tem uma central. Empresas que não pagam, OSS que não pagam. A gente tem que se organizar, ir p’ra rua.” “É muito bonito Flamengo ganhar o título, Maracanã cheio.” Maracanã, todo mundo vai, paga 80, 100, 400, 600 reais de ingresso. Isso mostra que o pessoal está bem, pagando 600 reais de ingresso.” “Tem que mudar a mentalidade [...] na área sindical, na área política. Taí o Bolsonaro, 25 anos na política e não fez nada. Primeiro o golpe, ninguém fez nada, ninguém foi p’ra rua. Lula é santinho? Ninguém é santinho, todo mundo tem problemas, erros... A gente vai ter que botar o bloco na rua para poder ter resultado.” ■ ■ ■

Trabalhadores  
Anônimos

Dando Visibilidade às  
Identidades Sociais

## "Vendo tudo o que pintar... ...menos o que não se deve..."



SINDICATO DOS GUARDADORES DE AUTOMÓVEIS NO RJ  
Rua Santa Luzia, 405 - Sala 502 - Centro - Rio de Janeiro - RJ  
CNPJ 34.152.025/0001-22 - Tel.: 2206-5559 / 2524-7404 / 2262-2880

RECIBO DE VENDA DE TALÕES DE ESTACIONAMENTO Nº 19672

DATA: 26/10/01 MAT: 2131419 COLETE: \_\_\_\_\_

GUARDADOR: Alexandre

REA: G. Barros

R.R. VC: X QUANT. DE TIOETS: 100 VALOR R\$: 80,00 SÉRIE: A29

INICIAL: 8153151 FINAL: 81531510

VEDOR: Alexsa MATRÍCULA: 12194

Primeiro talão de estacionamento  
adquirido pelo Guardador Alexandre

Alexandre da Silva Oliveira, de 45 anos, trabalha no larguinho Verdun/Grajaú/Rio há doze anos como guardador de carro e, há cinco anos, tornou-se também livreiro de sebo. Ajudou-me a estacionar umas tantas vezes, outras não permitiu. Sempre correndo, parava o carro, 'voava' ao banco, farmácia, quibes, frutas, carnes, bolos... meu olhar esbarrou certa vez num livro infantil na toalha no chão que comprei para presentear. Soube seu nome há poucos dias. Na pressa, não enxergava Alexandre que estava ali para encurtar meu gasto de tempo na terceira jornada de uma mulher. Procurava entrevistar um vendedor de sebos nas ruas; encontrei muito mais! Alexandre frisa que é guardador registrado no Sindicato dos Guardadores de Automóveis do ERJ, cujo uniforme estampa o logotipo, desde 2001 e pede que fotografe o recibo de venda do primeiro talão de estacionamento (figura).

Entre um carro e outro que ajuda a estacionar, aproveita para vender sebos, guarda-chuvas, viseiras, artesanatos etc. *Vendo tudo o que pintar. Só não vendo drogas.* É também catador de recicláveis e a ideia de vender livros usados surgiu quando há uns 4-5 anos encontrou-os no lixo e vendeu setenta num único dia. *Meu dia de trabalho começa às cinco da manhã com os recicláveis, depois venho para o estacionamento, vendo o que der e só volto para casa depois das 19 horas.* Alexandre caminha a vida e, como cita, "se vira nos trinta"... Trabalhando como camelô, tem a seu favor a flexibilidade de vender produtos segundo a demanda do momento. ....

Os 38,4 milhões de brasileiros desempregados, muitos excluídos de atividades que levaram alguns anos para aprender a dominar, possivelmente não se consideram afortunados. O 'comemorado' aumento da população ocupada tem sido sustentado pelo trabalho informal que atingiu a média de 41,1% no país, sendo maior que 50% em 11 estados. No Rio de Janeiro, de 100 ocupados, cerca de 38 estão na informalidade (Folha de São Paulo, 2020), o que também significa não ter direito a adoeecer e nem parar de trabalhar quando adoecer. ....

Alexandre nasceu e morou em Realengo durante muitos anos. Seu primeiro emprego como Office Boy foi aos 19 anos na Galeão Serviços Aduaneiros Ltda. Faz questão de mostrar a carteira assinada por três meses. Depois foi vendedor de gás em Bangu e adjacências. *Não quis mais trabalhar com carteira. Prefiro assim. Sou camelô desde 1996, primeiro em Bangu e depois nos arredores do 'Balança mas não cai' (Praça Onze), 'acumulando' as atividades de guardador.*

Paga autonomia há cerca de oito anos.

*Os livros atraem pessoas com quem troco ideias e aprendo muito. Um dos melhores compradores é ele.* Apresenta-me a um historiador aposentado morador do larguinho. Luiz [nome fictício] me orienta sobre o conteúdo dos livros, li alguns por sua indicação, fala quais são os mais interessantes, importantes, raros... Aprendo muito com ele. O historiador diz que a recíproca é verdadeira.

Alexandre continua... *Tenho duas filhas, uma de 23 anos do primeiro casamento que me deu dois netos, e a de nove, com minha esposa atual. Minha filha mais nova é muito estudiosa, a primeira precisou parar os estudos para cuidar dos filhos. Não concordei mas ela diz que vai voltar, ainda é nova. Parei de estudar no 2º ano do 2º grau e gostaria de continuar. Quero me tornar salva-vidas! Já salvei algumas pessoas na praia. Gosto de ajudar as pessoas e sou voluntário em projetos sociais. Se cada um fizer um pouquinho, transformamos o mundo para melhor. Sonho também em ver minhas filhas e netos formados e com saúde.*

O movimento de carros e de compradores de livros não para. Alexandre atende a todos com um e outro pedido de tempo e, quando possível, um dedo de prosa... Nas últimas quintas do mês, 'bato ponto' na fábrica de bolos para levar um fresquinho ao Fórum Intersindical.

Tornei-me mais assídua desse larguinho de poucas vagas depois que a lojinha de comidinhas sírias apareceu por lá. Banco, farmácia, cabeleireiro, açougue, depósito de bebidas, hortifruti, delicatessen, botequinho, armarinho, livros... bom ponto de comércio e de 'resolver o dia-a-dia'. E, para meu conforto e prosa garantida .... Alexandre ... o que vende tudo menos o que não deve.

*Meu irmão já foi do sindicato e aprendi muito com ele. Não adiantar reclamar da vida. Vai à luta! É melhor ir para a rua, reivindicar!*

■ ■ ■

Pesquisa, texto e fotos  
Rosângela Gaze  
fevereiro 2020

A invisibilidade social dos trabalhadores é patente. Seu adoecimento e sua morte ao produzirem os bens e os produtos de consumo que movem a sociedade e a vida, em si mesma, não constam da embalagem. Não está no rótulo do que comemos e usamos que, para chegar em nossas mãos, adoeceram 'x' trabalhadoras, morreram 'y' trabalhadores. A doença e a morte rondam o trabalho. Mas não as vemos. Então, o problema é o trabalho? Claro que não! Sem o trabalho não há vida, não moraríamos, não vestiríamos, não comeríamos, enfim, não seríamos o que somos. E se a invisibilidade da relação saúde-trabalho é evidente com os trabalhadores que têm uma inserção social mais visível, com os trabalhadores anônimos a situação é ainda pior. Trazer à tona suas identidades sociais é o propósito desta coluna do Boletim Informativo. Contribua com ela. ■ ■ ■





*Saúde do Trabalhador é ARTE é a seção do Boletim que busca demonstrar que trabalhar sob o jugo da opressão, da discriminação e da exploração é arte. É pura arte trabalhar, onde quer que seja, para construir um mundo em que somente os que detêm os meios de produção, em conluio com um poder político que lhes sustenta, destroem a saúde dos que lhes enriquecem. Arte pura! Da capacidade de sermos artistas extraímos a capacidade de resistir e sonhar com um mundo em que a Arte pertença apenas àqueles que a fazem.*

### Taiguara

#### Que as crianças cantem livres

O tempo passa e atravessa as avenidas  
E o fruto cresce, pesa e enverga o velho pé  
E o vento forte quebra as telhas e vidraças  
E o livro sábio deixa em branco o que não é  
Pode não ser essa mulher quem te faz falta  
Pode não ser esse calor o que faz mal  
Pode não ser essa gravata o que sufoca  
Ou essa falta de dinheiro o que é fatal  
Vê como um fogo brando funde um ferro duro  
Vê como o asfalto é teu jardim se você crê  
Que há um sol nascente avermelhando o céu escuro  
Chamando os homens p'ro seu tempo de viver  
E que as crianças cantem livres sobre os muros  
E ensinam sonho ao que não pode amar sem dor  
E que o passado abra o presente p'ro futuro  
Que não dormiu e preparou O amanhecer  
O amanhecer O amanhecer...

<https://www.youtube.com/watch?v=9yKKsEPxEw0>

### VERGONHA

Enquanto canalhas dão risada na claque do fascista  
Eu choro pelos miseráveis que nunca irão a Miami.  
Não me envergonho dessas lágrimas.  
Miami não é um local confiável.  
Minhas lágrimas são de outra ordem:  
trogloditas, cafajestes, covardes vestidos  
com a bandeira brasileira  
são a razão de minhas lágrimas  
Indignação  
Desesperança  
Tristeza  
Nada é pior do que olhar p'ro lado e ver que eu convivi  
décadas com pessoas que defendem quem defende a  
tortura, a morte, o caos, a ditadura, a loucura do nazismo.  
Se Deus não está nem aí p'ra isso,  
que alguém se apiede de mim em  
minha profunda vergonha.

domitilo de andrade - 17/03/2020



Seção de filmes e documentários

## O Operário em Construção

(Vinícius de Moraes)

VOZ: Taiguara

Veja em:

<https://youtu.be/QJqb8rGzd10>

Duração: 12 min 48 seg

Nesta edição, a seção traz um dos grandes poemas da literatura brasileira de um dos maiores poetas brasileiros  
- Vinícius de Moraes - na voz de Taiguara.

Taiguara, para os mais jovens e os esquecidos, foi um grande compositor, pianista, cantor e intérprete brasileiro (embora nascido uruguaio), que deixou marcas profundas na arte como defesa do socialismo e dos direitos humanos.

Nascido em 1945 e morto em 1996, poucos sabem que Taiguara foi o artista brasileiro que teve mais músicas (68) censuradas pela ditadura militar. Adivinhem a razão. Ao trazer o poema de

Vinícius na voz de Taiguara, não há coincidências e, sim, conexões, pois a primeira apresentação pública de Taiguara como artista foi ao lado de Vinícius, em 1964. Taiguara tem sucessos inesquecíveis que até hoje são cantados, mas poucos dele se lembram. A interpretação do poema *O Operário em Construção*, de Vinícius, é uma obra prima do intérprete que sai do fundo da alma do artista.

Saiba mais sobre Taiguara em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Taiguara>

<https://www.youtube.com/channel/UCPvsDAZRjIN-hHOif9h6jeQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=DoVMLJK6ebg>



Taiguara - 1994







Saúde do Trabalhador é ARTE  
Saúde do Trabalhador é ARTE

# Mauro Iasi

Quando um pensador tem o dom do desenho, seus traços costumam voar bem mais longe que as palavras que expressam seu pensamento. O traço sutil de Mauro Iasi, professor da UFRJ, militante político e intelectual inquieto, poeta e, claro, chargista, nos agracia com sua genialidade contra o fascismo em suas charges agudas e definitivas.



Participe. Envie sua foto, seu vídeo, seu poema, seu texto, sua crítica, faça sua arte para registrar sua indignação com a forma como se trata a saúde dos trabalhadores no Brasil.

# INFORMES

## PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

Dia 27/03/2020 - 6ª feira - 09:30 às 13:00h

### Oficina Temática

## A luta dos trabalhadores pela saúde Um panorama histórico

Apresentação e debate com

**Luciene Aguiar e Rosangela Gaze**

LOCAL: Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos

Pista de subida para a Zona Norte

Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223

### Atenção!!!

Em virtude da Pandemia de  
Coronavírus, a reunião  
poderá ser adiada.  
Acompanhe pelo BLOG.

Marielle  
PRESENTE



Fórum Intersindical  
Democracia participativa pela  
saúde no trabalho

Reunião do Fórum Intersindical em 28/02/2020  
Programação Compartilhada de Atividades de Formação para 2020



Foto: Chirão

A reunião do Fórum Intersindical, realizada na semana de Carnaval, foi realizada no Sindicato dos Bancários/RJ. Com a participação dos Sindicatos dos Metalúrgicos, Rodoviários, Telecomunicações, Comerciais, Saúde e Bancários, além dos Cerest, UFRJ, Fiocruz, UERJ, DEGASE e as universidades de Goiás (Federal e Estadual), foi debatida a programação de formação intersindical do Fórum. Veja no Blog a programação do Curso Intersindical e demais atividades de ensino programadas.

### ATENÇÃO! REAJA!

Pode ser com a mão, com o coração OU  
com um simples NÃO!

ASSISTA todas as OFICINAS TEMÁTICAS  
no nosso Canal YouTube. Entre no blog  
[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)  
e se inscreva!

Fórum Intersindical  
FormAÇÃO  
InformAÇÃO  
TransformAÇÃO  
AÇÃO

ENVIE suas FOTOGRAFIAS sobre SAÚDE  
do TRABALHADOR para o nosso Boletim  
[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

Acompanhe a  
COLUNA OPINIÃO  
na página frontal superior do Blog  
[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

Nela você se atualiza diariamente com os temas  
de interesse da saúde do trabalhador,  
saúde ambiental, direitos humanos e  
movimentos sindical e social.

São mais de 50 colunistas com experiência  
e militância nessas áreas.  
Dê sua opinião sobre as matérias e sugira novas.

### ATENÇÃO VII CURSO INTERSINDICAL SAÚDE-TRABALHO-DIREITO

O curso é oferecido para dirigentes  
ou pessoas indicadas de instituições  
sindicais e representativas de  
trabalhadores. A critério da  
coordenação poderão ser aceitos alunos  
e profissionais que estejam trabalhando  
com o tema do curso. A programação  
das aulas será concluída na  
próxima reunião do Fórum  
(veja anúncio à esquerda).  
Fique atento ao início do curso de 2020.

### Inscrições

[cursointersindical@gmail.com](mailto:cursointersindical@gmail.com)  
Acompanhe a programação pelo Blog  
[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

### ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre  
saúde do trabalhador para a nossa seção **artigo do  
mês** entre no blog [www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)  
e envie!!

Se você luta por justiça e direitos humanos  
JUNTE-SE ao FÓRUM INTERSINDICAL  
[www.multiplicadoresdevisat.com](http://www.multiplicadoresdevisat.com)

### Coordenação:

Luciene Aguiar (doutoranda Ensp/Fiocruz)

Isabella Maio (bolsista)

Marcel Caldas (operador de mídia)

Renato José Bonfatti (Cesteh/Ensp/Fiocruz)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (Dihs/Ensp/Fiocruz)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito  
para a Ação em Saúde do Trabalhador  
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361  
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223  
[forumintersindical@gmail.com](mailto:forumintersindical@gmail.com)

Venha para o Fórum Intersindical - Acompanhe nosso Boletim Informativo